



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS DO GRUPO AMHO DE ITAIÓPOLIS/SC¹

SOUZA, Fabiana C.²; CHERFEM, Carolina Orquiza³; LOPES, Daniele Rehling³

²Licencianda em Educação do Campo nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis SC – faabe.souza@gmail.com

³Orientadoras

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o Pré-Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação do Campo nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina. Ele traz a experiência de uma agricultora familiar que iniciou sua militância no Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina nas décadas de 1960 e 1970 pelo direito de aposentadoria e licença maternidade das mulheres rurais. Hoje, ela produz alimentos de forma orgânica e agroecológica no município de Itaiópolis – SC e faz parte da Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis (AMHO). O TCC tem como objetivo entender quais as relações entre Agroecologia e as mulheres do Grupo AMHO e de que forma essa relação influencia na vida delas. O trabalho vem sendo realizado por meio da metodologia da pesquisa participante, buscando a valorização dos saberes, do trabalho das mulheres e da agroecologia no município.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia. Mulheres. Educação do Campo. Saberes.

INTRODUÇÃO

A Licenciatura em Educação do Campo tem como objetivo a formação de professores(as) para as escolas do campo e para as escolas que recebem os sujeitos que vivem e trabalham no campo. Essa formação se dá por área de conhecimento, visando uma educação libertadora e interdisciplinar. No caso da Licenciatura da UFSC, as áreas de formação são as Ciências da Natureza e Matemática. A proposta educativa surgiu das lutas dos movimentos sociais, pautando uma educação de qualidade para os povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e camponeses, garantindo o acesso e a permanência destes nas escolas do campo.

Segundo o Decreto Presidencial nº 7.352 de novembro de 2010, Art. 2º, os princípios da educação do campo são:

I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;

II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;

III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do

¹ Pré-Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;

IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; e

V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. (BRASIL, Decreto Presidencial nº 7.352/2010, 4 de Novembro de 2010).

A Licenciatura em Educação do Campo tem como base a Pedagogia da Alternância, que busca integrar universidade e comunidade, ou seja, busca integrar a teoria estudada na universidade com a prática de vida e trabalho dos sujeitos em seu processo educativo (práxis). Essa pedagogia surgiu na França, no período entre as duas guerras mundiais que abalaram o século 20, com o objetivo de promover a alternância entre a escola e o trabalho na agricultura familiar.

O ano de 1943 marca a primeira referência documental em torno de um projeto da Pedagogia da Alternância do campo da Union Nationale des Maisons Familiales Rurales d'Éducation et d'Orientation (UNMFR). Essa pedagogia teve uma expansão internacional chegando na América Latina em 1969, mais especificamente no Brasil, no Estado do Espírito Santo, sob as referências das Maisons Italianas de Castelfranco-Vêneto.

A Pedagogia da Alternância vem sendo usada na formação de jovens e adultos do campo, visto ser esta uma proposta pedagógica e metodológica capaz de atender as necessidades da articulação entre escolarização e trabalho, propiciando a esses indivíduos o acesso à escola sem que tenham que deixar de trabalhar. " (CORDEIRO, REIS, HAGE; 2011, p.116).

Diferente das outras licenciaturas, a Licenciatura em Educação do Campo promove em suas disciplinas uma leitura de mundo, pautando discussões como as de gênero, classe, etnia e agroecologia, capazes de possibilitar uma compreensão ampliada da realidade brasileira e do campo. A partir das reflexões e dos debates proporcionados nas aulas, comecei a ter uma visão crítica sobre as questões de gênero e a me interessar por agroecologia, quando pesquisei o tema mais a fundo, me deparei com um grupo no meu município, Itaiópolis-SC.

No ano de 2018, ao longo do tempo comunidade através do curso, realizamos uma roda de conversa na qual Dona Marilda participou. Ela nos disse: "Eu não vejo a agroecologia com outros olhos a não ser o



feminino”, “a agricultura sobreviveu a uma guerra por causa das mulheres” (Guerra do Contestado²), isso me fez perceber a importância daquele grupo na vida dela, de toda a história de luta que ela carregava. Além disso, foi possível perceber o valor da Agroecologia para o município como um todo e para a história da Guerra do Contestado na região. Foram as mulheres que preservaram as sementes crioulas que resistiram a esta Guerra, história esta nunca escrita a partir da perspectiva feminina.

A partir das pesquisas realizadas para desenvolver o Diagnóstico no primeiro ano do curso, foi possível constatar que o município é essencialmente rural, tem sua economia baseada na agricultura, comércio e outros serviços. O que predomina é as produções agrícolas usando métodos convencionais para produzir, maquinário pesado, agrotóxicos, herbicidas. Essa forma de produzir também desvaloriza a mulher, tal como Dona Marilda relatou em uma fala: “a mulher cuida da casa, trabalha na roça, na horta, coloca a comida a mesa e não recebe nem um obrigado”. Essa dupla jornada de trabalho é vista como uma ajuda ao cônjuge e um trabalho improdutivo, o que gera renda é o que vai para a venda, sem pensar que os produtos que a mulher planta, cuida, e coloca na mesa é um gasto a menos no mercado.

O trabalho de cuidar, educar, cozinhar, lavar, limpar, produzir alimentos para o autossustento é uma atividade fundamental no dia a dia e necessária para o bem estar das pessoas, das famílias e das comunidades. Diante disto, é urgente repensar a concepção de trabalho realizado pelas mulheres. Uma concepção que envolva mulheres e homens de todas as idades no trabalho cotidiano e na geração de renda. (CARDOSO, Nancy. et al. 2012, p 29).

Desse modo, o TCC possibilitará que pessoas, não só de Itaiópolis, possam conhecer essas mulheres que preservaram a agroecologia no município e lutaram por direitos, como aposentadoria da mulher rural e licença maternidade, e que hoje lutam pelo reconhecimento e da importância das hortas orgânicas e da agroecologia.

A Educação do Campo me fez ter uma nova perspectiva de vida, principalmente quando se trata de mulheres. Cresci ouvindo as histórias da minha avó, de como era difícil a vida no interior de um município rural, tendo que buscar água em purungo³, passando por barrocas e carreiros, ela conta que

Morar na roça é bom porque levanta cedo, sabe que vai lá fazê aquele serviço, que tá fazendo, tá carpindo, tá roçando, tá plantando, tá arrancando, tá guardando, tá limpando, tá levando pro “paió”, pra comê. [...] a vida no campo é divertida, é sofrida, é boa e é bonito a gente vê as planta bonita, linda, quando não chove, a gente, os colono ficam triste, só não se usava nada na terra, era plantado na terra porque a terra era boa, plantava lá e sabia que ia colher mesmo... quando tinha uma roça bem grande pra carpi convidavam tudo, vinha vizinho de longe, daí matavam porco, faziam aquela festa de tanta gente comendo, pra vim carpi de graça, porque a gente não vencia as

² Segundo Amador, a Guerra do Contestado aconteceu entre os anos de 1912 e 1916, foi uma disputa de terras entre Santa Catarina e Paraná, na atual região conhecida como Contestado, um dos maiores conflitos sociais da história do nosso país.

³ Lagenaria siceraria é uma espécie de Lagenaria, popularmente conhecida como purungo.



roça grande. Roça, planta vencia, mas carpi não vencia, daí o outro lá fazia, todo mundo ia lá, num dia só ficava pronto, a roça... é assim, vivê em comunidade. [...] a vida das mulher era sofrida, cuidar de criança, trabalhar na roça, levar lá pro meio os carvão... Fazer comida, algum já ia pra escola, outros não, depois pra roça também, chega de noitinha em casa fazer janta, banho era num gamelão feito de madeira, maior parte era lavado as mão e os pé, banho não era fácil, não era tudo que usava toma banho, daí tinha que encher aqueles panelão de água, pra esquentar, pra ponha lá, pra tomar banho, daí todo mundo tomava banho na mesma água, num dava pra fazer pra tudo. [...]se fosse professora ia criar meus filho diferente também, mais no limpo, pois daí tinha que sair... Só acho que os alunos não eram como agora, não davam muito trabalho, se eu tivesse sido professora seria diferente. (Relato Araci da Silva Souza)

Passei a olhar com outros olhos para todas as nossas conversas, apesar de já saber as histórias cada frase era uma fala significativa. Me pergunto como uma mulher que me ensinou a ser forte, resistente e empoderada não teve o direito de escolher sobre a própria vida, sua profissão, seu marido, tudo decidido pelo pai e pelos irmãos. Contudo, percebo a alegria nos olhos quando ela me fala da agricultura e de como é gratificante poder colher as verduras que plantou e ver as árvores bonitas, lindas.

Usando como base as autoras Cinelli e Conte (2010), Salvaro e Lago (2008), Siliprandi (2015) e Primavesi (2016), que desenvolveram estudos sobre o Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina (MMA, SC) e Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina (MMC, SC), Mulheres e Agroecologia e estudos sobre o solo, pretendo trabalhar com um grupo de hortas orgânicas e agroecológicas do município de Itaiópolis, localizado no Planalto Norte Catarinense, essencialmente rural, porém que trabalha com agricultura convencional

A agricultura em si já é uma violência às estruturas e aos processos da natureza e seus serviços ecossistêmicos vitais para a vida superior e a produção. A agricultura atual modificou radicalmente os ecossistemas, implantando sistemas mecanicistas, não naturais, com visão de curtíssimo prazo, a favor de lucros momentâneos, que destroem o solo, os cursos de água, o clima e o futuro da humanidade (PRIMAVESI, 2016, p. 191)

Esse modo de produção acaba desvalorizando a horta orgânica, os agricultores falam que “produzir assim não dá lucro e não alimenta todo mundo”.

Porém, existe outro tipo de agricultura, que trabalha com os ecossistemas, embora simplificados, respeitando a natureza, conservando os solos, os cursos de água, a paisagem (projetando-a da livre passagem dos ventos) e o clima, conseguindo com isso uma produção ecológica e economicamente melhor e sustentável. (PRIMAVESI, 2016, p.191)



Pretende-se com essa pesquisa, além de registrar e valorizar a história do grupo AMHO em Itaiópolis, demonstrar que produzir de maneira agroecológica é o melhor caminho agora e para as futuras gerações. Nossos solos não aguentam mais tantos produtos químicos para alimentar todo mundo. Não tem como falar de agroecologia, sem falar da mulher porque é ela que está à frente, realizando o trabalho na propriedade para que se possa produzir, notar o trabalho e a importância dele para que um dia possamos ver a agroecologia com os olhos femininos.

A partir destes esclarecimentos, este texto pretende descrever brevemente o trabalho que será desenvolvido junto a essas mulheres. Trata-se de uma pesquisa em fase inicial, por isso o texto apenas apresentará a proposta a ser realizada.

METODOLOGIA

A pesquisa será realizada com um grupo específico de Itaiópolis, o AMHO, voltado para hortas orgânicas produzidas de formas agroecológica. Atualmente o grupo conta com seis participantes, meu foco são as mulheres, veteranas no grupo que já possuem o certificado de produtos orgânicos e estão na luta por essa forma de produção há mais tempo.

O trabalho será desenvolvido a partir de entrevistas semiestruturadas e pesquisa participante. Segundo Gil (2008, p 31), tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa-participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa.

Participarei dos debates e eventos do grupo, coletando dados da produção orgânica no município a partir dos cadernos de campo do grupo, pois até agora foi não realizada nenhuma pesquisa desses dados no município, isso já mostra como o trabalho dessas mulheres não é reconhecido, e como quem produz de forma diferente da convencional é visto como “louco”, e não recebe apoio. Após a coleta dos dados de produção, será possível comparar os dados quantitativos e qualitativos da agroecologia com os dados da agricultura convencional.

Objetivo Geral da Pesquisa

- Compreender a importância e a ligação da agroecologia na vida das mulheres do grupo AMHO.

Objetivos Específicos

- Realizar uma pesquisa participante com as mulheres da AMHO de Itaiópolis, buscando compreender o significado de agroecologia para elas;
- Investigar quais os limites e as potencialidades da produção agroecológica na vida das mulheres;
- Com base no MMC compreender as relações entre agroecologia, feminismo e movimento social;
- Contribuir para a valorização do trabalho das mulheres da AMHO e da agroecologia no município de Itaiópolis, escrevendo e registrando a história do grupo e sua importância para a região como guardiãs de sementes crioulas após a Guerra do Contestado.

Durante a pesquisa usarei como base para a agroecologia Ana Maria Primavesi (2016). O grupo já conhece as técnicas da engenheira agrônoma e aplicam em sua propriedade. Para a ligação das mulheres



com esse método de produzir, será utilizado o livro *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas* de Emma Siliprandi.

Uma integrante do grupo começou sua jornada de militância a partir do contato com o Movimento de Mulheres Camponesas⁴, lutando pela aposentadoria e pela licença maternidade das mulheres rurais. Por isso, considero o movimento importante para a formação dela e futuramente do grupo AMHO.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conheci Dona Marilda, integrante do grupo AMHO, nela vi uma mulher forte, decidida, batalhadora que luta não só pelos seus direitos, mas pelos direitos sociais de um modo geral. Percebi a importância da produção orgânica e agroecológica em sua vida na medida em que cada alimento que ela planta é produzido com amor. Dona Marilda participou de encontros com o Movimento de Mulheres Camponesas na década de 1970, quando iniciou sua militância pelo direito à aposentadoria e à licença maternidade das mulheres rurais.

O grupo AMHO é composto por seis integrantes. Três delas – Marilda, Jandira e Verônica –, trouxeram a ideia de produzir de forma sustentável por meio da Agroecologia e, recentemente, três homens – Mauro, Jessiel e José – se uniram à causa. As veteranas já possuem a certificação dos produtos orgânicos. O grupo faz parte da Rede Ecovida de Agroecologia, a qual tem seu funcionamento baseado na organização das famílias produtoras em grupos informais, como associações ou cooperativas, ou grupos, no caso da AMHO. A sede da Rede está localizada no município de Canoinhas SC e atende aproximadamente 200 famílias no Planalto Norte Catarinense. A rede faz esse trabalho a cerca de 20 anos e é responsável pela certificação dos produtos orgânicos e pela fiscalização das propriedades, bem como realizam trabalhos de conscientização social, organizam trocas de sementes crioulas entre os produtores e promovem a socialização dos grupos, de associações e de cooperativas.

Os novos integrantes do grupo estão passando pelo processo de transição da propriedade, da agricultura convencional para a orgânica e agroecológica. Em conversa com a Dona Marilda ela me conta que esse processo acaba se tornando demorado, pois implica em “desintoxicar” as terras e animais da propriedade. Alguns autores trazem o termo ecologização para o que Dona Marilda chama de transição agroecológica e “desintoxicar a terra”.

Poderia ser definida como a passagem do modelo produtivista convencional para formas de produção mais evoluídas sob o ponto de vista da conservação dos recursos naturais e, conseqüentemente, mais sustentáveis no médio e longos prazos. A característica fundamental deste processo de transição seria a ecologização da agricultura, assumindo as considerações de caráter ambiental e biofísico um papel ativo na determinação das práticas agrárias. Esta ecologização das práticas agrárias estaria, por sua vez, crescentemente marcada por uma maior integração entre a Agronomia e a Ecologia – dois campos de estudo até agora pouco

⁴ A criação do MMC/SC se deu a partir dos movimentos autônomos de mulheres (oriundos de diferentes estados) ao se unificarem, formando o Movimento de Mulheres Camponesas, um movimento de caráter nacional, segundo Salvaro.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

explorados em suas complementaridades para gerar conhecimentos relevantes à melhoria de métodos e técnicas de intervenção (CAPORAL, COSTABEBER: 2004, p.40)

Após isso é feita a fiscalização para aprovar ou não a certificação, que serve como um atestado para confirmar que a propriedade é agroecológica, assim, é possível vender os produtos como orgânicos e agroecológicos.

Para entrar no grupo as veteranas Marilda e Jandira fazem a primeira abordagem na propriedade, analisando e ajudando com a documentação necessária para receber a certificação e mandar para Rede. Depois, a parte de cultivo e de cuidado é de responsabilidade de cada integrante. Os membros do grupo têm um caderno de campo e um plano de manejo anual, no qual anotam tudo que entra na sua propriedade, desde local das mudas, o que foi utilizado nelas, quando e em que quantidade, para poder fazer a prestação de contas na hora da fiscalização. O Grupo faz reuniões mensais “para não esfriar” como me conta Dona Marilda. Nessas reuniões fazem a socialização do que aconteceu na propriedade e conversam sobre os encontros que a Rede proporciona. Nesses encontros, é obrigatória a participação de pelo menos dois integrantes de cada associação, grupo ou cooperativa, eles dividem as despesas para poderem participar, mas nunca deixam de comparecer e de trocar experiências. Eles produzem de forma orgânica e as sementes vêm de hortos, sem agrotóxico, e não são transgênicas, isso quer dizer que nenhum alimento na propriedade tem veneno. Além disso, pensam de forma agroecológica, entendendo que está tudo ligado dentro da produção. Segundo Primavesi,

Um solo sadio mantém as plantas saudas e plantas saudas formam uma alimentação sadia, que mantém os seres humanos física e mentalmente saudas. E pessoas saudas, com espírito sadio, não destroem sua base vital e o ambiente em que vivem, mas o conservam. Não somente cuidam de seus solos e do meio ambiente, mas também de seus próximos, criando bem-estar e paz. (PRIMAVESI, 2016, p. 191)

Portanto, não só as plantas têm que estar desintoxicadas, mas, sim, tudo o que está na propriedade, cuidam da terra, da água, fazem as técnicas de manejo usando o que têm, “agroecologia tem que ser sem matar”, “galinha feliz, ovo com mais qualidade”, diz Marilda.

O trabalho ainda não apresenta resultados por se tratar de um pré-projeto de pesquisa, mas aponta algumas hipóteses e objetivos para a problemática: “Quais as relações entre Agroecologia e as mulheres do Grupo AMHO e de que forma essa relação influencia na vida delas?”. As hipóteses e os objetivos listados anteriormente serão confirmadas ou refutadas posteriormente à pesquisa, a qual será realizada no ano de 2019. Alguns apontamentos da pesquisa podem ser descritos, a seguir:

- Um espaço de coletividade e discussões (Movimento Social) contribui para a mudança na vida das mulheres;



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

- A participação das mulheres no grupo colabora para a tomada de consciência sobre suas opressões (gênero, classe e etnia);
- A participação das mulheres também revela a forma como resistem e se tornam sujeitos políticos cotidianamente;
- A produção agroecológica feminina só é percebida quando esta apresenta lucro direto e está visível para a família/propriedade;
- A agroecologia permite uma outra relação com a terra e com os outros seres, incluindo relações de trabalho e relações sociais;
- A produção agroecológica só é possível através do olhar e do trabalho feminino, bem como do trabalho de guardiãs das sementes realizado historicamente pelas mulheres;
- Produzir de forma agroecológica, além de trazer benefícios para o solo e a natureza, também contribui para a manutenção da vida e do trabalho das mulheres e suas famílias;
- O registro das experiências significativas das mulheres contribui, de um lado para a valorização pessoal das envolvidas e do trabalho delas; de outro, para a valorização da história da agroecologia a partir do olhar das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho encontra-se ainda em sua fase inicial por se tratar de um pré-projeto de TCC iniciado em 2018. No decorrer das primeiras rodas de conversa com chimarrão já foi possível notar a importância de registrar essa história para a agroecologia de Itaiópolis a partir dos conhecimentos, saberes e vivências das mulheres envolvidas. A história das mulheres da AMHO precisa ser valorizada por revelar o quanto a agroecologia é construída e depende da história e da luta das mulheres para acontecer.

A partir do 1º Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação do Campo, realizado em janeiro de 2019 na Universidade Federal de Santa Catarina, onde a pesquisa foi apresentada, ficou visível a importância de falar da história do grupo, buscando valorizar o trabalho dessas mulheres e dar-lhes visibilidade, não só no município de Itaiópolis.

REFERÊNCIAS

- AMADOR, Milton Cleber Pereira. **Guerra do Contestado: marca o fim e o início de modelos de desenvolvimento na região Oeste Catarinense**. Revista Cadernos do Ceom – Ano 22, n. 31 (2009)
- CAPORAL, Francisco R., COSTABEBER, José. **Agroecologia e Extensão rural Contribuições para a Programação do Desenvolvimento Rural Sustentável**. – Porto Alegre: 2004
- CARDOSO, Nancy. *et al.* **Economia (in)visível das mulheres camponesas**. Passo Fundo: Editora Gráfica Passografic, 2012.
- CINELLI, Catiane. CONTE, Isaura I. **Mulheres Camponesas Construindo sua Identidade Feminista - Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos** – Florianópolis, 2010.
- Decreto Presidencial nº 7.352/2010, Brasil, 2010. Disponível em:



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

<<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1025597/decreto-7352-10#art-2>> Acesso em: 02 de novembro de 2018.

GEORGINA N. K. CORDEIRO, NEILA DA SILVA REIS e SALOMÃO MUFARREJ HAGE; **Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo**. - Brasília, 2011.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas AS, 2008.

Mulheres Agricultoras de Santa Catarina. - Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder - Florianópolis, 2008.

PRIMAVESI, Ana. **Manual do Solo Vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio** – 2 ed. rev. – São Paulo: Expressão Popular, 2016.

SALVARO, Giovana I. J, LAGO, Mara C. de S. **O desafio de protagonizar questões de gênero: uma (re)leitura da criação do Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina**.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.